

Posfácio

O ressentimento chegou ao poder?*

O ressentimento, apesar do tom morno e conformista das lamentações que provoca, deve ser entendido como uma paixão. Mais especificamente, o ressentimento se encontra entre aquelas que Espinosa qualificou como *paixões tristes*. A raiz da palavra “paixão” nos remete ao sentido primordial da palavra *páthos* – a mesma de que também advém “patologia”. A originalidade do filósofo setecentista em sua época, assim como a permanência de suas ideias no século XXI, reside no afastamento da tradição platônica que ele empreendeu. Para isso, além de ter incluído as paixões no conjunto de objetos do pensamento filosófico, Espinosa propôs que estas fossem avaliadas a partir de critérios diferentes daqueles que norteavam a filosofia platônica e a moral cristã. Em vez de avaliar as paixões como boas ou más (*lato sensu*), Espinosa sugere avaliá-las como alegres ou tristes. As paixões tristes, para Espinosa, são aquelas que *diminuem a potência de agir do indivíduo*.

O ressentimento pode ser entendido como uma paixão triste.

Faz sentido, para o psicanalista, tomar a ética de Espinosa para pensar o ressentimento. Antes de tudo, porque a lógica do ressentido ignora o *sujeito* – este que, para a psicanálise, atreve-se a pagar o preço por seu desejo e, portanto, a investir em escolhas “desejantes”. A lógica do ressentimento, que bem se adapta à demanda das sociedades capitalistas, concebe o ser humano não como sujeito, e sim como *indivíduo* – este que não reconhece sua divisão subjetiva. Ocorre que aquele que

* Texto publicado originalmente na revista *serrote*, n. 33, nov. 2019.

se pensa como indivíduo (i.e., indivisível, não dividido) precisa forçar-se continuamente a estar de acordo com as determinações do *superego* – muitas das quais advindas da moral comum. Ele não se deixa reger pelo desejo, mas por mandatos e interdições morais, que respondem não ao sujeito desejante, e sim à imagem de perfeição que o indivíduo quer oferecer ao mundo e reconhecer no espelho.

Esta seria, no sentido geral, uma resposta característica da neurose: em vez de perseguir a direção indicada pelo desejo, o sujeito escolhe a segurança subjetiva de “fazer o que deve ser feito”, pensar de acordo com o que se deve pensar e reprimir ou ignorar fantasias que se desviam de um suposto caminho bem-sucedido. O que Freud chamou de “covardia moral” do neurótico consiste em tais escolhas por caminhos seguros, onde não haja riscos de deparar com nada que indique desejos contrários ao caminho certo para uma vida “normal”. Ou seja: uma vida chata. Não me parece necessário definir o que venha a ser isso. Pois é justamente em relação às consequências dessa mesma vida chata que aquele que orientou suas escolhas pela *servidão voluntária* um dia há de se ressentir.

Só que, ao deparar com sua infelicidade (ou, no mínimo, com a mediocridade de sua vida), o ressentido há de tentar culpar alguém. Esse é o recurso do ressentido para não ter de avaliar suas escolhas e depois se arrepender delas. O arrependimento dói, mas pelo menos revela algum tipo de questionamento. O ressentido, ao contrário, *não se arrepende* nem se questiona. Ele não suporta a condição (que é de todos nós) de sujeito dividido: aquele que entra em dúvida, que se ilude e se engana, que ignora o *desejo que o constitui*. Para não ter de deparar com sua divisão subjetiva, o ressentido escolhe um culpado a quem atribuir seu infortúnio. Eis aqui uma característica do ressentimento bem fácil de identificar: a necessidade de eleger culpados a quem acusar quando a barra pesa. Ou quando a vida fica besta. “Eu sofro: alguém deve ser responsabilizado por isso.” Este seria, para Nietzsche, o *leitmotiv* do ressentimento: procurar um culpado pelas próprias frustrações.

No entanto, do fato de que o ressentido sempre encontra subterfúgios para dizer “não foi culpa minha” não se deve deduzir automaticamente que o oposto do ressentimento (ou sua cura) seja a culpa. Não se trata de substituir um *páthos* por outro. Se, por um lado, o ressentido procura apontar culpados para justificar suas frustrações, por outro, a admissão de culpa ou de *responsabilidade* (melhor opção) pelo que fracassou em sua vida ainda não basta para tornar o sujeito mais potente diante de suas escolhas de destino.

Vale esclarecer: a potência de que se trata aqui é a potência do desejo, esta que orienta as apostas e os investimentos que são feitos ao longo da vida e, também,

os riscos que cada um se dispõe a correr em nome deles. Entre estes últimos, interesso-me sobretudo pelos narcísicos: riscos de queda, de fracasso, de ficar aquém daquilo que se idealizou...

Nesse ponto é importante diferenciar ressentimento de revolta. Se o ressentimento é uma “revolta passiva”, a atitude que se opõe a ela, diante de injustiças e humilhações, seria a da revolta *ativa*, por todos os meios legítimos de que a sociedade democrática (ainda) dispõe. A passividade é uma das atitudes que caracteriza o ressentido. Uma das causas do ressentimento seria, assim, o divórcio entre a potência do sujeito e sua capacidade de agir.

Nesses termos, a decepção com as promessas não cumpridas não predispõe à ação; ela produz um exército de queixosos passivos, prontos a se (re)alinhar ao que existe de pior entre os conservadores, como forma de reação amarga e estéril, carregada de desejos de vingança.¹

Não seria possível nomear tal “divórcio” entre potência e capacidade de agir como covardia? Seriam todos os ressentidos covardes? Penso que sim, se considerarmos o sentido que Freud atribui à palavra ao se referir à *covardia moral do neurótico*. O sintoma neurótico seria, em termos freudianos, uma solução de compromisso entre o desejo e a repressão de suas manifestações. O sintoma é uma forma de gozo neurótico e, ao mesmo tempo, uma forma de manter a interdição do desejo. A “covardia” que Freud atribui ao neurótico se revela nessa solução de compromisso, na qual o gozo se expressa pelo mesmo sintoma que mantém a recusa do desejo.

Mas o ressentimento também pode se tornar uma paixão coletiva. O filósofo búlgaro Tzvetan Todorov² atribui a eleição de Hitler, na Alemanha, à frustração de uma classe média baixa espremida entre a burguesia e a potência de luta do proletariado durante a grande inflação do início dos anos 1930. Para Todorov, o ressentimento na Alemanha brota de parte das chamadas “classes decadentes”.

As classes decadentes que se sentem humilhadas com a perda de sua posição se ressentem, acima de tudo, contra os que, situados em um lugar inferior a eles na hierarquia social, não se deixam humilhar. Em vez de tomá-los como aliados em uma empreitada pela recuperação da dignidade perdida, procuram afastá-los e assegurar os mais ínfimos sinais de distinção e respeitabilidade.³

¹ Ver, neste volume, p. 194.

² Tzvetan Todorov, *O homem desenraizado* (Rio de Janeiro, Record, 1999).

³ Ver, neste volume, p. 174.

Ao buscar uma estratégia de desidentificação com seus vizinhos mais pobres e fracassar na tentativa de ascensão social, milhões de cidadãos dessa classe média decaída encontraram a resposta na designação de um culpado pelo sofrimento que eles entendiam como humilhação social. A disposição subjetiva do ressentimento, que pede um bode expiatório para desimplicar o sujeito de suas culpas e seus fracassos, se revela nesse caso em que o personagem ideal para carregar tal culpa não poderia ser “um de nós”. Não obstante, tinha de pertencer à mesma ordem social. Ninguém melhor que este semelhante (socialmente), mas tão desigual (subjetivamente): o judeu.

É evidente que o ressentimento, nesse caso, participa das motivações inconscientes dos eleitores de Hitler, mas não esgota as razões de tal escolha. No campo objetivo, é preciso considerar o peso da crise econômica que sacrificava a população alemã no período. A escritora e psicanalista Lou Salomé relata, em suas memórias, que, para comprar um quilo de trigo, era preciso levar ao mercado o mesmo peso em moedas. As crises econômicas destroem a confiança que as pessoas teriam no futuro. Elas as obrigam a garantir a sobrevivência dia após dia. Diante disso, torna-se impossível vislumbrar um futuro melhor, uma transformação promovida pelos próprios sujeitos esmagados pela crise. Assim, apostas *regressivas* parecem ter conferido alguma segurança imaginária aos eleitores do *Führer*.

No caso da “psicologia do bolsonarista”, vale considerar o momento anterior à retração econômica – esta que aniquilou o segundo mandato de Dilma Rousseff e pegou em cheio o governo ilegítimo de Michel Temer. Durante o período de crescimento econômico promovido pelos governos petistas anteriores a 2014, um grande contingente de “pobres” ascendeu aos padrões econômicos da classe média baixa. O Bolsa Família, ao contrário do que diziam seus detratores, não funcionava como “bolsa-esmola” para alimentar a vadiagem do povo. Muitas famílias que viviam abaixo da linha da pobreza usaram o pouco dinheiro do programa, ou parte dele, para iniciar pequenos negócios. De criação de cabras (começando com dois ou três animais...) a abertura de videolocadoras ou fornecimento de comida caseira, muitas alternativas de sobrevivência foram criadas pelos beneficiários do programa⁴. Vale lembrar que a maioria deles, tão logo se firmava em novo negócio ou novo emprego, declarava não precisar mais do auxílio; já se sentia pertencendo, daí por diante, a uma emergente classe média baixa.

⁴ Entre as regras de participação do Bolsa Família está a obrigatoriedade de manter os filhos na escola, o que representa um poderoso dispositivo contra o trabalho infantil.

Presenciei algumas demonstrações do desagrado de pessoas “tradicionalmente” de classe média ou alta contra a invasão daqueles “ex-pobres” em seus espaços de prestígio. A frase “este aeroporto está parecendo uma rodoviária”, por exemplo, traduz a rejeição de passageiros recorrentes à presença de passageiros de *primeira viagem*, que “desprestigiariam” o sinal de *status* recentemente adquirido por aqueles. A rejeição e o ressentimento não se dirigiram a passageiros mais endinheirados, e sim àqueles em relação aos quais os revoltados gostariam de ostentar pelo menos uma *pequena diferença*. A presença de pessoas mais pobres nos aviões anulava o privilégio dessa diferença.

Freud criou o conceito de “narcisismo das pequenas diferenças” para tentar entender o avanço do antisemitismo que precedeu a eleição de Hitler. A rejeição do povo alemão aos judeus não se fundava apenas na concorrência que os comerciantes e trabalhadores judeus representavam para os alemães numa economia em crise. A sensibilidade analítica de Freud detectou uma questão psicológica determinante na ascensão do nazismo: o fato de que, culturalmente, os judeus tinham muito mais semelhanças que diferenças com o povo alemão. Os argumentos que movem a intolerância baseiam-se na busca de diferenças inconciliáveis entre povos ou culturas que, ao contrário, contam com uma larga margem de aspectos em comum. É mais fácil tolerarmos uma cultura exótica que outra tão próxima à nossa que desafia nossa segurança identitária. Não ignoro (tampouco Freud ignorava) que muitos povos tribais foram escravizados por civilizações supostamente mais “adiantadas”; nesse caso, porém, não se trata de ódio, mas de menosprezo. Já o “narcisismo das pequenas diferenças” se volta para o vizinho, o semelhante, aquele que quase poderia ser “um de nós”.

Avancemos para 2018. Dias antes do segundo turno, perante as assombrosas manifestações machistas de Jair Bolsonaro⁵, feministas de várias gerações organizaram as manifestações do #EleNão nas capitais do país. Na de São Paulo, da qual participei, milhares de mulheres – na maioria, jovens – partiram do largo da Batata, em Pinheiros, e subiram em direção à avenida Paulista. Foi uma passeata colorida, irreverente, alegre e desafiadora. Muitas meninas tiraram a camiseta e exibiram as palavras “ele não” escritas no corpo seminu.

Fui uma das muitas pessoas que, naquela tarde, tiveram a expectativa de que as mulheres e os homens feministas seriam capazes de barrar a emergência do capitão machista. O efeito, no entanto, foi oposto: a votação obtida por Bolsonaro,

⁵ Entre elas: “Tive três filhos homens; na quarta vez fraquejei e veio uma mulher”.

na semana seguinte, superou o esperado. Teria a potência feminina nas ruas despertado ressentimentos antediluvianos entre os machistas até então resignados com as novas regras de convívio com as mulheres? Teria o #EleNão acordado a vontade masculina de mostrar quem manda na casa, expressa no surpreendente “ele sim” do segundo turno?

Acrescento outra hipótese: a de que uma grande parcela dos eleitores de Jair Bolsonaro seja composta de pessoas que não conseguiram, ou não quiseram, integrar nenhuma das festas democráticas que encheram as ruas de diversas cidades brasileiras desde os idos da Lei da Anistia, em 1979. As grandes manifestações da redemocratização, do retorno dos exilados ao movimento pelas diretas, não tiveram a intenção de excluir ninguém. Tampouco o imenso ato que saudou a primeira eleição presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva, em outubro de 2002.

Foram manifestações alegres, festivas, grandes confraternizações de gente que sempre lutou contra o autoritarismo, pela liberdade e pela diminuição das desigualdades no Brasil. As ruas são de *todes*, toda praça é do povo como o céu é do condor ou do avião, ao gosto de quem preferir Castro Alves ou Caetano Veloso.

Mas nem todo mundo se sente à vontade na multidão. Nem todo mundo se inclui na alegria geral, seja pela volta da democracia, seja pela eleição do primeiro líder operário à Presidência da República. Deve ser duro ficar de fora da alegria coletiva, da mesma forma como é duro para aqueles que se excluem, por mau humor ou timidez, das festas de Carnaval ou de Ano-Novo. Igualmente, para o machista, deve ser osso duro de roer ver a alegria, a liberdade e a autossuficiência das meninas da geração #EleNão.

Em breve teremos pesquisas confirmindo se o machista ressentido, eleitor de Bolsonaro, sente-se recompensado pelo *revival* das atitudes retrógradas ostentadas (e moralmente autorizadas) pelas primeiras medidas do novo governo. Vale também investigar se os ganhos “morais” ou ideológicos possibilitados pelo novo governo compensam ou não seus fracassos administrativos. Posso prever que aqueles que acabam de perder o emprego talvez tenham se decepcionado. Pesquisa do Datafolha divulgada em julho de 2019⁶ revelava que apenas 33% da população considerava o desempenho de Bolsonaro ótimo ou bom: um terço da população, a menor taxa de aprovação a um governante em início de mandato desde Fernando Collor – que, por sinal, sofreu *impeachment*. No momento em

⁶ Disponível em: <datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2019/07/1988217-33-aprovam-governo-bolsonaro.shtml>; acesso em: 25 mar. 2020.

que escrevo este texto, outra pesquisa do Datafolha revela que, para 39% dos brasileiros, Bolsonaro “não fez *nada* de positivo” até o presente. O número sobe para 58% se considerarmos os 19% que “não sabem opinar” sobre nenhuma boa iniciativa do capitão-presidente⁷.

Seria uma generalização abusiva considerar que todos os eleitores de Jair Bolsonaro tenham sido movidos pelo ressentimento. Há, entre eles, muitos setores sociais que defendem os próprios privilégios e lutam por sua expansão, à custa de direitos adquiridos recentemente por camadas mais pobres da população. Ruralistas querem expandir suas terras em prejuízo de reservas indígenas, de assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e de áreas protegidas de floresta. Empresários querem aproveitar o aumento do desemprego para legalizar o trabalho escravo. Aliás, parece que a economia deu o primeiro sinal de sair do buraco com base na perspectiva de aprovação do relaxamento dos direitos trabalhistas...

Por razões diferentes, alguns brutamontes também devem ter se alegrado com a expectativa da expansão do direito ao porte de armas – talvez a única proposta que se possa atribuir genuinamente a Jair Bolsonaro, já que, de resto, ele parece um fantoche escolhido para encaminhar as propostas econômicas de Paulo Guedes. Alguns setores da população esperam sair ganhando com a política econômica da gestão Bolsonaro, enquanto a quantidade de moradores de rua aumenta dramaticamente em todas as grandes cidades brasileiras⁸. Diante disso, por que não generalizar o porte de armas e promover o extermínio de gente miserável, que não teria serventia – ou seja, poder de compra – para o crescimento econômico?

No momento em que pensava terminar este texto, fui informada da nova barbaridade cometida pelo presidente que não posso chamar de “noso”. Jair Bolsonaro tentou desmoralizar Felipe Santa Cruz, filho do desaparecido político Fernando Santa Cruz, ao declarar: “Você acredita em Comissão da Verdade?”. Antes, já havia dito sobre Felipe: “Ele não vai querer saber a verdade” (a respeito

⁷ Disponível em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2019/07/1988268-40-nao-veem-nada-de-positivo-em-governo-de-jair-bolsonaro.shtml>>; acesso em: 25 mar. 2020.

⁸ No início de julho, a onda de frio em São Paulo matou três pessoas sem-teto. Enquanto isso, o prefeito Bruno Covas resolveu proteger não os desamparados cidadãos sem-teto, mas a praça no centro da cidade onde eles tentavam se abrigar: mandou a Defesa Civil tirar os cobertores de quem, por não ter onde dormir, estava “sujando a praça”. Diante de tal brutalidade, não creio que a reação seja de ressentimento. As vítimas, certamente, se abalam. Mas a população... aprova em silêncio?

da morte do pai, sugerindo que Fernando teria sido assassinado por um compa-
nheiro de luta). Ao que o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB)
reagiu afirmando que Bolsonaro ostenta “traços de caráter graves em um gover-
nante: a crueldade e a falta de empatia”⁹.

Bolsonaro foi, de fato, um dos mais escandalosos ressentidos contra a grande
repercussão favorável ao trabalho da Comissão da Verdade. Em 2014, interferiu
em uma audiência pública em Brasília sobre torturados e desaparecidos políticos
para homenagear um dos agentes mais cruéis da repressão de Estado durante a
ditadura: o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra. Estaria ele com medo de que
chegasse sua vez?

O espantoso, ao menos para dois terços dos brasileiros, é que a vez dele de
fato chegou: só que não foi de responder pela criminosa incitação à tortura, e sim
de presidir o país. O ressentimento venceu aquilo que, algum dia, foram nossas
melhores esperanças.

Maria Rita Kehl

30 de julho de 2019

⁹ Thais Arbex, “Para presidente da OAB, Bolsonaro age com ‘crueldade e falta de empatia’”, *Folha de S.Paulo*, 29 jul. 2019, disponível em: <www1.folha.uol.com.br/poder/2019/07/para-presidente-da-oab-bolsonaro-age-com-crueldade-e-falta-de-empatia.shtml>; acesso em: 25 mar. 2020.